

## PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NAS SOCIEDADES VIRTUAIS

MARIANA LEITE DE ALMEIDA<sup>1</sup>; LÚCIA BERGAMASCHI COSTA  
WEYMAR<sup>3</sup>

<sup>1</sup> UFPEL – [marianaleitealmeida@gmail.com](mailto:marianaleitealmeida@gmail.com)

<sup>3</sup> UFPEL – [luciaweymar@gmail.com](mailto:luciaweymar@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Sinergia talvez seja uma das palavras-chave do tempo que vivemos, a pós-modernidade. Parece-me que todos os setores da vida estão tão próximos, andando ao mesmo passo e ritmo e na mesma sintonia cósmica, que talvez seja quase impossível perceber as fronteiras que separam uma coisa da outra. Trabalho e lazer, erudito e empírico, razão e emoção, tudo se mescla de tal forma a valorizar cada vez mais o nosso cotidiano. E, assim, as relações estabelecidas uns com outros, em comunhão, adquirem uma importância social ainda maior. Nossos laços, nossas representações, acabam por se reestruturar como fator formante e, dessa maneira, nos constituem enquanto sujeitos perante às sociedades. “(...) o indivíduo só é o que é na relação com outras pessoas” (MAFFESOLI, 2004, p. 21).

Em meio às relações sociais e a toda miscelânea contemporânea – que toma proporções ainda maiores, até mesmo absurdas, com a internet – torna-se difícil, para não dizer impossível, assumir identidade única, impenetrável e ininfluenciável pelo que nos cerca. Estamos constantemente em processo de identificação, ou seja, estamos, a qualquer momento, o tempo todo, propícios a nos reconhecer em algo que nos fará um ser diferente. Ou, mais recorrentemente, propícios a algo que constituirá no nosso ser já existente um novo ser – micro-ser – que estará em harmonia com todos os diversos seres que nos instituem como sujeitos.

Com as plataformas de redes sociais<sup>1</sup> na internet – Facebook, Tumblr, Twitter, etc – a comunhão social e o mostrar-se enquanto sujeito que compõem a coletividade tornam os processos de identificação ainda mais frequentes e constantes. O compartilhamento de ideais, gostos, modos de ser e agir – que vai muito além do *share* próprio da rede – acaba por ser influenciador das relações das pessoas entre si e da relação entre sujeito e comunidade. “Tratam-se de novas formas de “ser” social que possuem impactos variados na sociedade contemporânea a partir das práticas estabelecidas no ciberespaço” (RECUERO, 2012, p. 17). O espaço virtual potencializa o caráter miscigenado das sociedades e, ainda, tende a aumentar o repertório, o nível de troca de informações, a comunicação, e, assim, tornar-se ambiente favorável para proliferação e multiplicação das ações formadoras de personalidades.

Os estudos dos processos de identificação, característicos das sociedades virtuais, orgânicas e imagéticas, são parte da minha pesquisa no Mestrado em Artes Visuais, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, e são abordados no presente resumo. Tal pesquisa tem por temática a problematização do Graphic Interchange Format (GIF) como representante do cotidiano que,

---

<sup>1</sup> “As redes sociais são as estruturas dos agrupamentos humanos, constituídas pelas interações, que constroem os grupos sociais. Nessas ferramentas, essas redes são modificadas, transformadas em mediação das tecnologias e, principalmente, pela apropriação delas para a comunicação” (RECUERO, 2012, p. 16).

através da internet – principalmente por meio do compartilhamento em redes sociais – faz com que surja uma relação importante destas imagens animadas com os processos de identificação individuais e coletivos nas sociedades imagéticas.

## **2. METODOLOGIA**

Este momento da pesquisa é constituído por duas etapas. Realizamos, na primeira etapa, o embasamento teórico e, na segunda, entrevistas com pessoas que utilizam redes sociais. O acabouço teórico sobre os processos de identificação é construído, principalmente, com foco na imagem pós-moderna e em sua importância nas sociedades contemporâneas. Para tanto, foram utilizados autores como Michel Maffesoli, Gilbert Durand e Vilém Flusser para discutir sobre a imagem na contemporaneidade; além de Pierre Lévy, Diana Domingues e Raquel Recuero para refletir este assunto mais contextualizado no ambiente virtual. Abordamos temáticas tais como imagem no cotidiano, imaginário na contemporaneidade, organicidade das sociedades imagéticas e comunicação através da imagem virtual.

A segunda etapa, das entrevistas, em andamento, é organizada com os intuitos de compreender a importância da imagem para as pessoas que utilizam redes sociais e de traçar como acontecem, a partir da visualidade, os processos de identificação por meio da internet. A amostra é composta por pessoas que, obrigatoriamente, utilizam redes sociais de forma frequente e que, de preferência, já tenham tido algum contato com os GIFs, mesmo que em um curto espaço de tempo.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Até o presente momento e através do embasamento teórico chegamos a algumas reflexões.

Se a contemporaneidade por si só já se caracteriza pela miscigenação dos setores sociais e pela valorização do cotidiano com a internet e com as redes sociais tais fatos ficam ainda mais evidentes. O que antes era avaliado como banal, supérfluo e medíocre, agora passa a ser considerado elemento importante para a construção social. Prevalece, atualmente, uma cultura do dia-a-dia que “é feita do conjunto dos pequenos nada que, por sedimentação, criam um sistema signifiante” (MAFFESOLI, 2005, p. 86); sistema esse que, percebido e construído na vivência diária, influencia na edificação de personalidades diversas completamente diferentes umas das outras, com frequência percebemos, assim, uma resignificação das relações que, potencializadas pela rede, assumem um papel importante nos processos de identificação.

De tal modo, atentando para as particularidades da época orgânica e virtual que vivemos, é possível notar que a imagem tem ocupado lugar de evidência nas sociedades. Principalmente nas redes sociais o expressar se mostra mais visual. Vivemos o que eu arrisco chamar de época da representatividade imagética; compartilhamos vídeos, fotos e ilustrações a fim de mostrarmos o que somos, o que pensamos e do que gostamos, e essas imagens compartilhadas na rede que,

por vezes, têm um impacto maior que as palavras, acabam por nos representar, por contar um pouquinho sobre nós mesmos.

Mas por que queremos mostrar ao mundo quem somos? Por enquanto, observamos três principais motivos: 1) Para afirmarmos nossas identidades, 2) Para nos sentirmos parte das coletividades (tribos) e, por fim, 3) Pela relação afetiva criada entre os integrantes das sociedades. Nos reconhecemos nas imagens e as compartilhamos com intuito de nos afirmar e, então, fazer também parte das coletividades.

(...) sinto-me outro, e com o outro participo de uma emoção comum, que pode ser explosiva ou em total doçura, curta ou duradoura, mas que, em todos os casos, é intensa, traduzido uma organicidade tribal muito forte e exprimindo melhor a pregnância de uma imagem ou de um conjunto de imagens, em um determinado corpo social (MAFFESOLI, 1995, P. 112).

Essas são algumas das considerações realizadas até o momento. Ainda existem muitos fatores a ser explorados e discutidos a fim de compreender melhor os processos de identificação. Além disso, as entrevistas, ainda não realizadas, devem ajudar a esclarecer mais nitidamente alguns pontos específicos.

#### **4. CONCLUSÕES**

Apesar da pesquisa ainda estar em construção, percebe-se que vivemos em sociedades cada vez mais imagéticas e preocupadas com o cotidiano, onde os processos de identificação são frequentes e importantes para as relações sociais.

## **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DOMINGUES, D. **Arte e vida no século XXI: Tecnologia, ciência e criatividade**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

DURAND, G. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

FLUSSER, V. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAFFESOLI, M. **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MAFFESOLI, M. A comunicação sem fim. In: SILVA, J. M. MARTINS, F. M. (Org.) **A genealogia do virtual: comunicação cultura e tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 20 – 32.

RECUERO, R. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.